

A diáspora africana na América do Sul por imagens

Marcos Rodrigues ¹
jmbr@bol.com.br

TAVARES. Julio Cesar de. *Diásporas Africanas na América do Sul: uma ponte sobre o Atlântico*. GARCIA, Januário (fotografia e concepção). Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão. 2008, 144 p.

Poucos são os momentos em que uma publicação ilustrada oferece a possibilidade de leitura iconográfica, sobretudo nos estudos acadêmicos. Um livro-catálogo, em quatro idiomas, resultou da viagem do antropólogo Júlio César de Souza Tavares² e o fotógrafo Januário Garcia, em sete países da América do Sul (Brasil, Argentina, Uruguai, Peru, Colômbia, Venezuela e Suriname) em busca de traços da herança africana em comunidades afro-descendentes. A exposição fotográfica já percorreu vários países do mundo e a publicação com imagens circula entre nós muito sutilmente.

Personalidades do Movimento Negro Brasileiro, os autores revelam a presença africana em países como Argentina e Uruguai, onde desembarcaram milhares de africanos no porto do Rio da Prata. Também registraram a presença africana no Peru, Colômbia e Venezuela. Aventurar-se a conhecer o continente não é nada fácil, ainda mais se for em busca de um grupo específico. Com isso, somos agraciados com o registro das faces africanas recriadas na América do Sul através dos elementos em comum de reconstrução como a religiosidade, o uso dos tambores, a culinária, a língua, a música, a dança, os ajuntamentos e a experiência social dos quilombos, palenques e cimarrones.

Eis que Januário Garcia nos apresenta *Diásporas Africanas na América do Sul: uma ponte sobre o Atlântico* em imagens, com texto de Julio Cesar Tavares. Em princípio, um trabalho de grande reparação, porque pouca gente se dá conta da população negra existente nos países vizinhos ao Brasil, com toda uma reminiscência cultural, ainda que mínima, e que prova a história pós-colonial do continente através da descendência daqueles que serviram ao cativo. Nesse sentido, qualquer imagem pode servir como testemunha da história.

O trabalho expõe uma face pouco conhecida ou lembrada dos sete países sul-americanos já mencionados com a diversidade cultural de suas populações afrodescendentes. Gente que vive numa relação diaspórica cheia de contradições e com muita resistência num

¹ Mestre em Estudos Étnicos e Africanos pela Universidade Federal da Bahia.

² Pesquisador e professor (UFF).

universo onde persistem os valores políticos e raciais de tradição européia. Poucos são os autores que tocam no assunto, ao omitir a presença do elemento de origem africana em território sul-americano fora do Brasil. Na apresentação do livro, Tavares diz ser “essa África recriada, nem sempre visível e em alguns momentos paca, constitui hoje, força decisiva, na arquitetura pós-colonial de uma nova América do Sul que crê na interculturalidade, no respeito à diversidade e na liberdade plena dos povos que fizeram do continente sul-americano uma pujante força emergente” (p.8). Na Argentina, por exemplo, o autor declara que “os efeitos da invisibilização são sentidos até hoje e a própria discriminação é difícil de ser identificada” (p.16).

Há uma carência de estudos e pesquisas para a construção da nossa história a partir de elementos iconográficos. Na civilização ocidental, percebe-se que esse tipo de discurso, quando se trata da diáspora africana, não passa do plano do exotismo, visão básica do olhar observador do estrangeiro viajante, ou seja, o turista. Além disso, parece rara a abordagem sobre a utilidade da imagem como instrumento identitário, testemunha ou auxiliar direto dos fatos históricos na diáspora. O mundo da fotografia fascina sobretudo quem não está habituado a ler e interpretar o mundo através da imagem. Apesar dos inúmeros trabalhos publicados na área, ainda se faz ressentir a necessidade de estudos sistemáticos através da iconografia. A cultura imagética ainda é pouco explorada no meio acadêmico como objeto de estudo e fora dele, geralmente, não passa de hábito de colecionador.

Desde o nascimento, o ser humano cumpre a sentença de exercer o aprendizado da política do estereótipo. É uma prática que consiste em desenvolver uma postura de reação ao outro, através da estigmatização, da intolerância e do preconceito. A ordem é ignorar a identidade do outro, anular a sua história e lhe propor uma nova etiquetagem para sua cultura. Em outras palavras, a política do estereótipo tem se traduzido ao longo da história na invisibilidade das populações oprimidas.

Em tempos remotos, o hábito era guardar cartões-postais recebidos de parentes e amigos que viajavam. E durou longo tempo, a mania de enviar, receber e colecionar postais como forma de lembranças por imagem de um lugar. O postal foi um grande concorrente da fotografia como forma de registro de paisagem. O advento da internet trouxe uma inovação para difusão da imagem inclusive à distância sem mais a necessidade do formato restrito para correspondência. Outra forma de registro documental deu a fotografia o lugar de destaque que lhe cabe para cumprir a função de objeto iconográfico. É com este propósito que dedico esta breve análise do trabalho realizado pelo fotógrafo Januário Garcia, supostamente de caráter pioneiro sobre a diáspora africana. Até o momento, não tenho notícia de alguém que tenha saído a

documentar comunidades remanescentes das populações africanas escravizadas nos países aqui contextualizados.

Sair em busca de reminiscência e reunir através de imagens símbolos da africanidade dá um alento ao que já está quase fora do alcance da memória e da oralidade, apenas no plano da suposição. O garimpo de grupos e populações representantes de novas políticas de identidade faz sentir o vácuo deixado pela historiografia na tentativa de manter a política do estereótipo do perfil europeu, além de omitir a contribuição cultural e econômica durante a colonização. Ao folhear as páginas do livro de Garcia e Tavares, fica a impressão de que algo precioso deixou de ser revelado sobre os povos sul-americanos, em algum lugar do passado.

Todos os atuais países da América do Sul têm na sua história as marcas de populações africanas utilizadas como mão de obra escrava durante o período colonial. Uns mais, outros menos, entretanto, a indiferença das classes políticas dominantes não conseguiu apagar os rastros do passado, como tem sido de hábito na modernidade. O período colonial tinha como testemunha iconográfica primária a gravura e a pintura dos viajantes. Possivelmente muito mais um capricho do homem em reproduzir paisagens, objetos, personagens ou fatos do que pelo compromisso de ordem histórica. No caso da população afro-colombiana, de origem basicamente de grupos bantu, seu patrimônio foi resultado de duras negociações perante as pressões coloniais. Ainda assim, não se tem notícia dos primeiros registros de artistas da imagem com a chegada dos ibéricos num momento em que a pintura era o que havia de mais nobre como expressão iconográfica. Entre outras funções, a fotografia marca o passado, aproxima distâncias e o desconhecido e mantém viva a memória de um tempo, também não vivido. A imagem fala por si e além das palavras, tendo em vista a sua autonomia performática. Assim, a imagem pode oferecer muitos outros recursos de leitura, independente do momento em que foi registrada. Como elemento etnográfico, a fotografia atrai para si uma relação dialética de leitura seja a partir do autor, seja a partir de quem aprecia a imagem como curioso ou estudioso do assunto. Da condição de documento à obra de arte, a fotografia marca o registro histórico de um contexto sociocultural. Isso se dá graças ao olhar do fotógrafo e a perspectiva do objeto fotografado, resultando em situações dignas de leituras, estudos e valor afetivo documental. É assim que se traduz o trabalho fotográfico de Januário Garcia nesse breve passeio pela América do Sul radiografada como diáspora africana.

A preocupação em registrar a imagem contemporânea da população negra dos países vizinhos, sem dúvida contribui para revelar uma face escondida há séculos, já que não há documentos do gênero através de imagem ao longo da sua história. A característica básica da colonização era a promoção da ideologia dominante, aliada à efetiva marginalização da cultura indígena (nativa), e também uma resistência negra, gerando uma diáspora onde os costumes se desenvolveram através de uma dinâmica cultural, com a preservação de seus respectivos valores, ou perda significativa dos mesmos. Parece ser de grande escassez a existência desse tipo de material imagético que sirva de testemunha dos mais de 350 anos de colonização da América do Sul a partir do contexto das populações de origem africana. O trabalho de Garcia desponta como uma novidade na área e a qualidade estética dispensam comentários.

Diante da imagem do outro, a classe dominante colonial tinha a população escrava na condição de objeto gerador de riquezas, não importava quem eram aquelas pessoas. O testemunho de Garcia expõe o olhar da desconstrução de uma invisibilidade secular e uma reparação orgânica de grupos estigmatizados pela política do estereótipo. Manter uma população invisível é simplesmente negar sua existência, é gerar a experiência da ignorância e do preconceito sobre seres sociais viventes no submundo da modernidade. Ainda que não seja em condições dignas dos nossos dias, as imagens de Garcia vão na contramão da visibilidade ao que histórica e socialmente foi mantido na forma de apagamento, com o propósito de fornecer subsídios a uma leitura crítica imediata.

A América do Sul aqui se apresenta pelo discurso de suas imagens. Tendo em vista o aspecto da exclusão histórica, um elemento comum enfrentado pelas comunidades colonizadas, fica evidente a falta de informação e conhecimento, não obstante a construção de uma identidade pós-colonial em território tão supostamente unificado, mas tremendamente dividido com uma população tão próxima, mas afastada pelas políticas coloniais. A imperativa dificuldade em ter acesso à história da sua cultura, ou mesmo em tomar a iniciativa de construir sua própria história, pode ter sido uma das motivações de Januário Garcia em desbravar o espaço negro sul-americano.

Não é difícil perceber a ausência de um discurso sobre a presença das comunidades africanas na formação do território sul-americano. Países como Argentina, Uruguai e Chile adotaram uma política de formação a partir das culturas européias. A descoberta de Garcia e Tavares parece revelar um privilégio de outros grupos na sua formação cultural em detrimento das nativas populações indígenas e os africanos escravizados e

dispersados. Januário Garcia lança um olhar ancestral e privilegiado sobre personagens que vêm contribuir para a realização de novos estudos da diáspora africana.

Há mais de 30 anos no mundo da fotografia, Januário acumula experiências no cinema, no jornalismo, na publicidade, na arte e nos movimentos sociais. Imagens da população negra brasileira são notórias por suas lentes. Seu ingresso no Movimento Negro trouxe grande contribuição na luta pela igualdade racial através da documentação fotográfica. O fotógrafo afirma que seu registro é também antropológico, por trabalhar a imagem no sentido da reconstrução da dignidade, do desenvolvimento da autoestima em contraposição ao racismo como ideologia de dominação social.

Ao construir a memória fotográfica do seu tempo, Januário Garcia tem clicado o cotidiano social dos negros brasileiros e não por acaso acabou vencedor do Prêmio de Cultura, categoria Registro e Memória, do governo do Rio de Janeiro, em 2011, decretado pelas Nações Unidas como Ano Internacional dos Afro-descendentes. Certamente, a premiação veio coroar a investida do fotógrafo em *Diásporas Africanas na América do Sul – uma ponte sobre o Atlântico*, que comprova a existência do passado escravo pelo continente afora vem a ser um grande incentivo aos estudos antropológicos, especialmente no campo da etnofotografia, em futuras análises temáticas, por uma história ainda a ser revista. Trabalhos como esse nos faz repensar e ver de outra maneira o mundo em que vivemos.